

# CAPÍTULO 1

## VULNERABILIDADE DE RISCO AO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA (HIV) EM RELAÇÕES AFETIVOS SEXUAIS DE JOVENS GAYS NO BRASIL

**Adriano Sousa Martins**, graduando de Enfermagem, Faculdade Linear de Goiás  
**Luana Guimarães da Silva**, Faculdade Mauá de Brasília

### RESUMO

**Introdução:** descoberta nas décadas de 70 e meados dos anos 80 com alguns casos aleatórios pelo mundo, mas não identificada pela ciência naquele exato momento, viam-se os homens homossexuais sendo os mais afetados pelos níveis em que eram vulneráveis. **Objetivos:** trazer o conhecimento em relação a vulnerabilidade de risco em relações homoafetivas (Gays) ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) no Brasil em jovens. **Método:** Inspeção agregativas de artigos analisados para construção deste, entre o período de 2012 a 2020 por conter normas pré-estabelecidas para seleção, onde se buscou pelas palavras chaves, Vírus da Imunodeficiência Humana -HIV, Barebacking, Vulnerabilidade. **Resultados:** dizia-se que no início dos casos, ou seja, na primeira década da doença, via-se que os usuários de drogas os homossexuais e os profissionais do sexo eram os mais prevalentes nos casos notificados na época, pois não se tinha muito conhecimento sobre a patologia naquele tempo. **Conclusão:** Dos artigos analisados para construção deste, observou-se que boa parte dos contágios estão relacionados a uma vulnerabilidade ampla. Nota-se que a comunidade de homens que têm relações sexuais com outro, ou que sejam de classe baixa são mais propensos a esses riscos, mas também se tem notado que essa fragilidade de exposição está relacionada ao sexo Bareback (sex sem camisinha).

**PALAVRAS-CHAVES:** Vírus da Imunodeficiência Humana-HIV, Barebacking, Vulnerabilidade.

### INTRODUÇÃO

Descoberta nas décadas de 70 e meados dos anos 80 com alguns casos aleatórios pelo mundo, mas não identificada pela ciência naquele exato momento, viam-se os homens homossexuais sendo os mais afetados pelos níveis em que eram vulneráveis, até então não se sabia como era a forma de transmissão qual era o agente infeccioso, naquela época pensava-se que pega com o simples toca ou o simples fato de se sentar em algum lugar que outra pessoa havia sentado. A falta de desinformação pelo público na época principalmente os mais novos que faziam piadas em relação a doença causava uma mistificação da patologia (LEONARDO et al.,2018).

As vulnerabilidades que se expõem os indivíduos muitas vezes estão relacionadas ao isso não acontece comigo. Um fator crucial que expõe muitos desses jovens é o fato de terem relações sexuais desprotegidas com homens mais velhos, tópico que muitas vezes estar

relacionado ao impulso sexual desses rapazes, a adolescência contribui para exposição frequente no dia a dia (STELLA et al.,2014).

Uns dos grandes avanços das vulnerabilidades ao HIV estão relacionados a grandes centros urbanos com um alto índices de homossexuais quem mantem relações afetivas entre-se, profissionais do sexo entre outros, casos que vem só a cresce no Brasil. Infecções que estão maiorias relacionados com uso de drogas injetáveis, relações desprotegidas, sendo as relações como um dos principais aumentos de casos, existe inúmeros fatores que podem expor eles ao risco, um dos mais crucial é a desigualdade social de classe (GRANGEIRO et al.,2012).

O comportamento de risco desses jovens muitas vezes levam a se expor, as condutas de perigo de exposição do dia a dia pode estar relacionado ao ambiente família a uma sociedade preconceituosa, onde boa partes desses jovens acabam se envolvendo em ambientes que os aceitam pela sua orientação sexual, onde maioria se envolve em sites de relacionamentos pela internet ou ambientes homossexuais, dessa forma vindo a terem relações (barebacking-sexo anal desprotegido entre-se de forma intencional, onde ambos tem ciência do ato a ser praticado (BRITO et al.,2014).

O objetivo deste trabalho é trazer o conhecimento em relação a vulnerabilidade de risco em relações homoafetivas (Gays) ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) no Brasil em jovens. O presente trabalho tem como foco apresentar o porquê desse índice de infecção e a importância das campanhas de orientações, visando a prevenção em relação a vulnerabilidade de risco. A exposição ao HIV em relações homoafetivas vem-se tornando ampla e cada vez mais se expandindo no Brasil. Tem sido uma das principais doenças dos últimos anos que vem se destacando pelos altos índices de contágios em relações sexuais de jovens Gays no Brasil. Assim também o presente artigo vem mostrar alguns meios de prevenções disponíveis no dia a dia.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Inspeção agregativas de artigos analisados para construção deste, entre o período de 2012 a 2020 por conter normas pré-estabelecidas para seleção, onde se buscou pelas palavras chaves, Vírus da Imunodeficiência Humana -HIV, Barebacking, Vulnerabilidade.

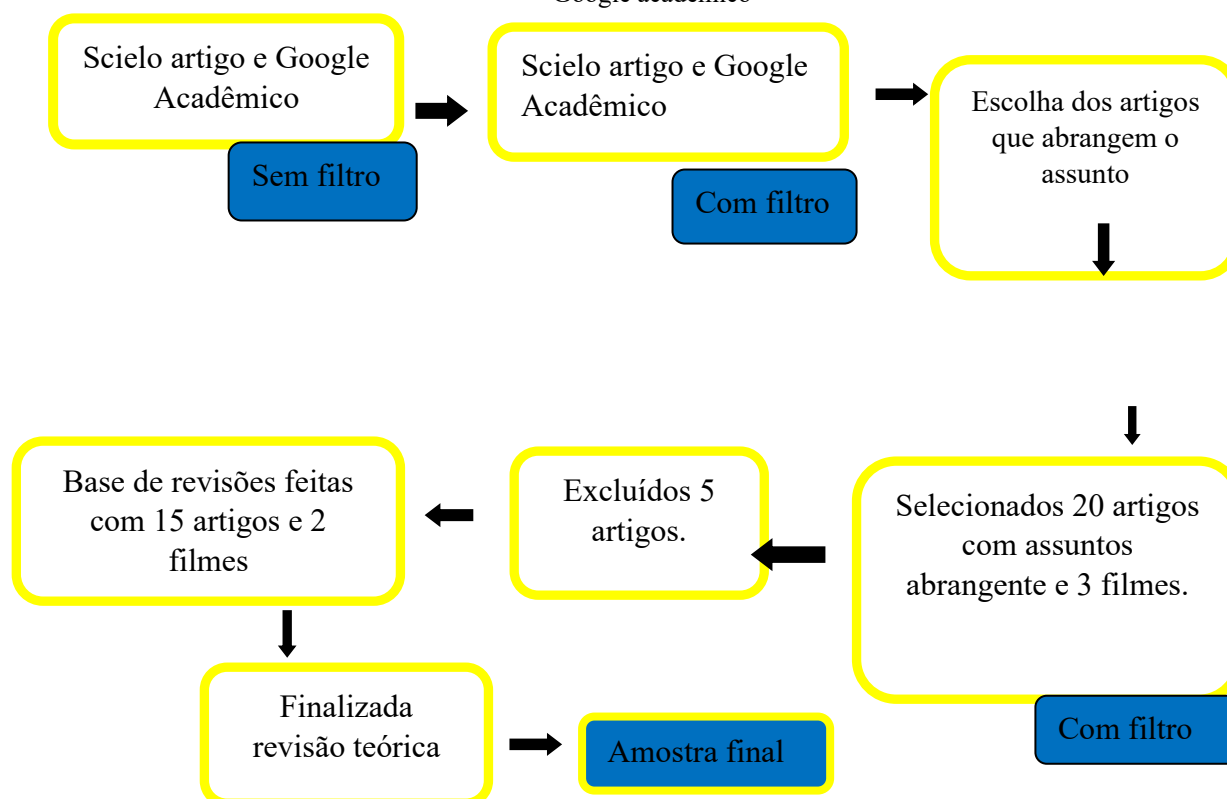
## CRITÉRIO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Foi feita análise de 20 artigos do qual 5 não atendeu aos critérios estabelecidos na pesquisa, por não conter as informações necessárias seguindo para pesquisa, no qual foram utilizados 15 artigos para essa construção científica.

## ANÁLISE DE DADOS

As inspeções agregativas foram feitas nas bases de dados por meio do Google Acadêmico e também em Scielo, onde foram filtrados artigos que agregaram os assuntos com relevância ao tema aqui abordado, no qual os escolhidos foram dos anos 2012 a 2020. Com o qual os dados foram analisados por assunto e especialidades de informações concretas e formais.

**Apresentação 1:** Fluxograma do processo de seleção dos artigos, segundo busca na biblioteca virtual Scielo e Google acadêmico



Fonte: SOUSA, Adriano Martins, 2020

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dizia-se que no início dos casos, ou seja, na primeira década da doença, via-se que os usuários de drogas os homossexuais e os profissionais do sexo eram os mais prevalentes nos casos notificados na época, pois não se tinha muito conhecimento sobre a patologia naquele

tempo. Com o passar dos anos os idosos e os heteros sexuais e mulheres passaram a fazerem contagens nos casos notificados, viu-se que boa parte era de baixa renda ou não tinha escolaridade superior (ACTA et al.,2017).

A vulnerabilidade ao HIV em relação aos jovens que mantêm relações com homens mais velhos é frequente, assim tem com frequência a prática de sexo receptivo tanto oral como anal de forma desprotegida, ou seja, sem o uso de camisinha. Esse contexto de pré-exposição não estar só ligado a um contexto biológico, mas a um meio social, cultural, idade e gênero no mundo e no Brasil (BRITO et al.,2014).

Assim, os homens que faziam repetidos testes para HIV eram justamente os que tinham mais chances de contraírem o vírus. Via-se que os efeitos negativos e positivos dos repetidos testes para identificação da patologia poderiam influenciar na prática repetidas do sexo desprotegido (BRUNA et al.,2017).

Entendia-se que paciente com essa doença devia ter um acompanhamento de excelência, assim tendo como foco princípios de cuidados primários, onde se podia evitar um pouco dessa vulnerabilidade, tendo assim um conhecimento de múltiplas especialidades e experiências de prevenções. Tem-se em mente que o tratamento seja sempre acompanhado por médicos especialistas ou que sejam integrantes de equipes multidisciplinares, onde assim se possa passar um tratamento e acompanhamento adequado a evitarem esses riscos de contágios (ALINE et al.,2012).

Essas vulnerabilidades ao vírus HIV estariam ligadas aos comportamentos sexuais dessas pessoas e principalmente ao sexo sem o uso de preservativos, termo conhecido como (barebacking no mundo), esse termo pode ter várias concepções deste as mais faladas na linguagem vulga entre elas “pelo a pelo”, “cavalgar sem sela” “cavalgar sem proteção pelas costas-com as costas nuas” e por aí vai (Eduarda, Maria,2019).

O desejo sexual incontrolável leva esses jovens homossexuais a buscarem diversos parceiros de forma instantânea, fator crucial que os expõem em risco de infecção constante, a busca pelo desejo leva a terem vários atos sexuais com parceiros diversos de formas desprotegidas entre-se. Não se sabe se esse desejo que os expõem é biológico, social, cultural, ou somatórias de tudo ao mesmo tempo. Ressalta ainda que a exposição é frequente quando estar em ambiente que propicia os meios de relação amorosas entre-se (MISKOLCI et al.,2018).

Assim, os mais novos estão mais propícios a se exporem ao vírus, seja pela falta de informação ou o auto cuidado, tem visto que boa parte das infecção pelo HIV estar centrada em grandes centros urbanos, ou seja maior número de homens com uma diversidade vasta, onde acaba atraindo outros, por se ter essas demandas altas de rotatividades de parceiros tem-se um alto índice de contágio, pois boa parte do público alvo são os de classe desfavorável, a qual não se têm informações concretas sobre a patologia e os riscos (MISKOLCI et al.,2018).

Muitas das vulnerabilidades que expõem esses homossexuais estão relacionadas como se interagem no meio social, a maioria tem em mente “isso não acontece comigo”, “isso é difícil”, mas mal sabe eles que todos estão propensos em se exporem aos riscos deste que não tome os cuidados devidos, a maioria ver como se acontecesse com quem é promiscuo ou sofresse algum assédio na adolescência, pensamento que muitas vezes chega a ser ingênuo por boa parte do grupo descrito (STELLA et al.,2014).

Outro meio de vulnerabilidade descrito nos jovens gays é o preconceito pela orientação sexual, essas discriminações afetam eles tanto no meio social quando se trata de buscar emprego ou até mesmo a educação, boa parte acaba imigrando para prostituição, onde boa parte ganha a vida assim, tendo em vista o contexto a qual estar inserido o jovem, eles não vêm os risco pré-existentes que essa profissão pode trazer, assim boas partes dos atos sexuais com outros homens são de formas desprotegidas entrem-se, um fator que contribui significativamente para o aumento de caso na população mais novas de homossexuais no Brasil (STELLA et al.,2014).

## **2.1– CONCEITO DE HIV-VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA**

Diversos artigos e literaturas trazem o conceito de HIV, entre eles, o protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para manejo da infecção pelo HIV em adultos Ministério- da Saúde-2013, diz que é uma infecção que desencadeia alterações no sistema imunológico durante todo processo inflamatório, assim uma vez adentrando no sistema de defesa ele vai atacando as células de combate aos agentes infecciosos. Tal infecção acaba ocasionando o enfraquecendo do corpo humano, deixando-o mais suscetível a doenças oportunista, onde vem ocasionar o estado mais grave da patologia (MINISTÉRIO DA SAÚDE,2013).

## **2.2– CONCEITO DE BAREBACKING / BAREBACK.**

Atualmente o termo é bem conhecido na população homossexual, assim entende-se que é a prática do sexo desprotegido, ou seja, sem camisinha. O termo em inglês Bareback,

proveniente do hipismo tem o seu significado traduzido para o português de: “montar sem sela”, “cavalgar sem sela”, cavalgar sem proteção pelas costas -com as costas nuas (Eduarda, Maria,2019).

### **2.3– CONCEITO PREP /PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO SEXUAL**

Atualmente usada para prevenir a infecção pelo vírus em relação sexuais desprotegida, é um meio de proteção disponibilizado a população de risco vulnerável, assim faz se o uso rotineiro do medicamento de forma rotineira, alguns estudos apontam uma eficácia de até 98% em relações anais desprotegidas, o uso desses coquetéis podem ser composto por dois antirretrovirais (tenofovir associado à entricitabina – TDF/FTC), ou outros meios a serem combinado conforme o médico prescrever (MIURA et al.,2018).

A pep é uma medida para evitar o contágio pelo HIV, deve ser iniciada o mais rápido possível de preferência nas duas primeiras horas após a exposição e no máximo até 72 horas. O tratamento tem duração estimada de 28 dias o uso dos medicamentos muitas vezes pode causar eventos e efeitos colaterais nos usuários. Os coquetéis são universais e estão disponíveis em algumas unidades hospitalares ou (CTA) centros de testagens e aconselhamentos das respectivas regiões. Após decorrido o período descrito e as medidas tomadas serão realizados exames conforme o médico achar necessário, para assim, verificar se houve o contágio (MINISTÉRIO DA SAÚDE,2018).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dos artigos analisados para construção deste, observou-se que boa parte dos contágios estão relacionado a uma vulnerabilidade ampla. Nota-se que a comunidade de homens que tem relações sexuais com outro, ou que sejam de classe baixa são mais propensos a esses riscos, mas também se tem notado que essa fragilidade de exposição está relacionada ao sexo Bareback (sex sem camisinha). Outro fator que contribui para essa exposição ao vírus são os aplicativos Apps que auxiliam significativamente, pois faz com que esses jovens tenham números maiores de parceiros sexuais de formas desprotegidas.

Foram vistos durante a pesquisa que boa parte dos jovens se relacionavam com homens mais velhos, assim percebe-se que essas relações sexuais com esses indivíduos eram desprotegidas. Nota-se que eles não são adeptos ao uso de preservativos nas relações, fator que contribui para um alto índice, não só basta ter noção da patologia é preciso se cuida mais, dia após dia, o auto cuidado deve parte do grupo de risco, algumas informações passadas pelas mídias podem contribuir para um conhecimento prévio sobre o HIV.

Visto tanto que as novas infecções estão relacionadas ao descuido pessoal ou até mesmo negligência por parte de quem pratica o ato, fatores que muitas vezes se interligam com o meio social, cultural ou até mesmo em questão de confiança na pessoa a qual se vai ter relação sexual, hoje em dia é bastante comum ver jovens achando que já mais irá estar exposto ao vírus, boa parte dos contágios que se ver hoje estar nesse faixa da população vindo em seguida os idosos.

Enfim o autocuidado deve estar sempre em primeiro lugar, pois um descuido qualquer pode mudar toda uma vida, não basta apenas ter noção do que é HIV, mas principalmente bota em práticas os meios de cuidado cabíveis.

## REFERÊNCIAS

Brasil, Ministério da Saúde. **O protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para manejo da infecção pelo HIV em adultos**. Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Brasília. Dezembro 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2013/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-manejo-da-infeccao-pelo-hiv-em-adultos>, acesso em:29-10-2020.

Brasil, Ministério da Saúde. **Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para profilaxia pós-exposição (PEP) de risco á infecção pelo HIV, IST e Hepatites virais, departamento de DST, Aids e Hepatites Virais**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2015/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-profilaxia-pos-exposicao-pep-de-risco>, acesso em: 26-10-2020

Brasil, Ministério da Saúde. **Seguimento da pessoa em uso de prep**, Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília, 2016. Disponível em: [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_organizacao\\_rede\\_profilaxia\\_antirretoviral\\_risco\\_infeccao\\_hiv.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_organizacao_rede_profilaxia_antirretoviral_risco_infeccao_hiv.pdf), acesso em: 25-10-2020.

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco, et al. **“OS LEPROSOS DOS ANOS 80”, “CÂNCER GAY”, “CASTIGO DE DEUS”: homossexualidade, AIDS e capturas sociais no Brasil dos anos 1980 e 1990**. Revista Observatório, Palmas -TO, v. 4, n. 1, p. 51-778. Março 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3175/12514>, acesso em: 03-11-2020.

CUNHA, Rosana Berlinski; GOMES, Romeu. **Os jovens homossexuais masculinos e sua saúde: uma revisão sistemática**. Interface: COMUNICAÇÃO SAÚDE EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro, v.19, n.52, p. 57-70, Setembro 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832015000100057&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832015000100057&script=sci_abstract&tlng=pt), acesso: 26-10-2020.

Drew, Mark Crosland Guimarães, et al. **Mortalidade por HIV/Aids no Brasil, 2000-2015: motivos para preocupação**. Rev Bras Epidemiol. Belo Horizonte, v. 20, n.1, p.182-190, Maio 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v20s1/en\\_1980-5497-rbepid-20-s1-00182.pdf](https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v20s1/en_1980-5497-rbepid-20-s1-00182.pdf), acesso: 26-10-2020.

Eduarda, Maria Lins Fernandes. **A Prática Barebacking (roleta russa do sexo) questão de polícia ou de saúde pública.** Escola da magistratura do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [https://www.emerj.tjrj.jus.br/paginas/biblioteca\\_videoteca/monografia/Monografia\\_pdf/2019/MariaEduardaLinsFernandes.pdf](https://www.emerj.tjrj.jus.br/paginas/biblioteca_videoteca/monografia/Monografia_pdf/2019/MariaEduardaLinsFernandes.pdf), acesso: 27-10-2020.

FERNANDES, Hugo, et al. **Violência e vulnerabilidade ao HIV/AIDS em jovens homossexuais e bissexuais.** São Paulo, v.30, n.4, p.390-396. Agosto 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/ape/v30n4/en\\_0103-2100-ape-30-04-0390.pdf](https://www.scielo.br/pdf/ape/v30n4/en_0103-2100-ape-30-04-0390.pdf), acesso em: 28-10-2020.

FERREIRA, João Paulo; MISKOLCI, Richard. **O desejo homossexual após a AIDS: uma análise sobre os critérios acionados por homens na busca por parceiros do mesmo sexo.** Ciência & Saúde Coletiva. São Carlos, Brasil, v.25, n.3. Julho 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232020000300999&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000300999&tlng=pt), acesso em: 28-10-2020.

GRANGEIRO, Alexandre, et al. **Prevalência e vulnerabilidade à infecção pelo HIV de moradores de rua em São Paulo, SP.** Rev Saúde Pública. São Paulo, v.46, n.4, p. 674-684. Junho 2012. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102012005000037&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102012005000037&script=sci_abstract&tlng=pt), acesso em: 02-11-2020.

MIURA, Eliana Zucchi, et al. **Da evidência à ação: desafios do Sistema Único de Saúde para ofertar a profilaxia pré-exposição sexual (PrEP) ao HIV às pessoas em maior vulnerabilidade.** Revista Saúde Pública, São Paulo, v. 34, n. 7. Julho 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2018000703001](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000703001), acesso em: 02-11-2020.

MORA, Claudia; BRIGEIRO, Mauro; MONTEIRO, Simone. **A testagem do HIV entre “HSH”: tecnologias de prevenção, moralidade sexual e autovigilância sorológica.** Revista de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v. 28, n. 2. Fevereiro 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312018000200600&lng=es&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312018000200600&lng=es&nrm=iso&tlng=pt), acesso em: 28-10-2020.

REDOSCHI, Bruna Robba Lara, et al. **Uso rotineiro do teste anti-HIV entre homens que fazem sexo com homens: do risco à prevenção.** Cad. Saúde Pública. São Paulo, v.33, n. 4. Maio 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/csp/v33n4/en\\_1678-4464-csp-33-04-e00014716.pdf](https://www.scielo.br/pdf/csp/v33n4/en_1678-4464-csp-33-04-e00014716.pdf), acesso em 01-11-2020.

Tamisa, Aline Oliveira Santos, et al. **Novos avanços relacionados ao HIV/ AIDS,** Revista Enfermagem Contemporânea. Salvador, Brasil, v.1, n.1. Dezembro 2012. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/45>, acesso em: 01-11-2020.

TAQUETTE, Stella Regina; RODRIGUES, Adriana de Oliveira; BORTOLOTTI, Lívia Rocha. **Infecção pelo HIV em adolescentes do sexo masculino: um estudo qualitativo.** Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 20, n. 7, p. 2193-200. Novembro 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/csc/v20n7/en\\_1413-8123-csc-20-07-2193.pdf](https://www.scielo.br/pdf/csc/v20n7/en_1413-8123-csc-20-07-2193.pdf), acesso em: 02-11-2020.